

MADLINE HUNTER

DESLUMBRANTE

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ANA ÁLVARES

ASA

CAPÍTULO 1

Uma mulher independente é uma mulher desprotegida. Audrianna nunca como naquele dia compreendera tão bem a primeira lição que a sua prima lhe ensinara.

Uma mulher independente era também uma mulher de respeitabilidade duvidosa.

A sua entrada no Duas Espadas, uma estalagem à saída de Brighton, atraiu mais atenções do que qualquer mulher decente desejaria. Sentiu-se examinada da cabeça aos pés. Vários homens observaram o seu percurso solitário até ao outro lado da sala comum com descarado interesse; o tipo de homens aos quais ela nunca se vira exposta.

As certezas patentes naqueles olhares deixaram-na ainda mais apreensiva. Embarcara naquela viagem cheia de justa determinação. O brilho do sol e a temperatura inusitadamente amena para fins de janeiro pareceram-lhe a forma da Providência favorecer a sua grande missão.

A Providência revelara-se caprichosa. Uma hora depois de sair de Londres, surgira o vento, a chuva e o frio crescente, fazendo-a arrepende-se amargamente de ter escolhido um lugar no tejadilho da carruagem. Agora estava encharcada, das horas que passara à chuva gelada, e algo irritada, para dizer o menos.

Recuperou a compostura e procurou o estalajadeiro. Pediu um quarto para passar a noite. Ele fitou-a longa e duramente, depois olhou em redor, à procura do homem que a tinha perdido.

– O seu marido ainda está no estábulo?

– Não, estou só.

A pele branca e fina do rosto envelhecido do homem enrugou-se numa expressão desconfiada. A sua boca contorceu-se de cinco maneiras diferentes enquanto procedia a um novo exame.

– Tenho um quarto pequeno com que pode ficar, mas dá para o pátio do estábulo.

O seu tom relutante deixava claro que a alojava a contragosto.

Uma mulher independente também fica com o pior quarto da estalagem, ao que parecia. – Serve, estando seco e quente.

– Venha comigo, então.

O estalajadeiro levou-a para um quarto no segundo andar, ao fundo. Avivou o lume, mas não muito. Ela reparou que a quantidade de combustível não chegava para aquecer muito mais o quarto e durar a noite toda.

– Vou precisar que me adiante a primeira noite.

Audrianna fez por não se sentir insultada. Enfiou a mão na bolsa e tirou três xelins. Seria mais do que suficiente para uma noite, mas ela pôs tudo na mão do homem.

– Se chegar alguém a fazer perguntas sobre Mr. Kelmsley, envie a pessoa cá para cima mas não diga nada sobre a minha presença nem sobre mim.

O pedido fê-lo franzir ainda mais a testa, mas as moedas que tinha na mão mantiveram-no em silêncio. Foi-se embora com os xelins e ela presumiu que tinham chegado a um acordo. Só esperava que os frutos da sua missão compensassem a facada na sua reputação.

Reparou no dinheiro que lhe restava na bolsa. De manhã a maior parte estaria gasta. Só estaria ausente de Londres durante dois dias, mas a viagem consumiria as poupanças que ela juntara com aquelas aulas de música todas. Teria de aguentar meses de escalas desajeitadas e raparigas chorosas para o repor.

Tirou um pedaço de papel da bolsa. Aproximou-o da luz do fogo apesar de saber as palavras de cor. *O dominó solicita a Mr. Kelmsley que se encontre com ele no duas espadas em Brighton daqui a duas noites, para discutir um assunto de interesse mútuo.*

Fora pura sorte ela ter sequer sabido que tinham posto o anúncio no *Times*. Se a sua amiga Lizzie não passasse a pente fino aqueles anúncios todos, em todos os jornais e gazetas de mexericos disponíveis, poderia ter escapado ao olhar de Audrianna.

O apelido não estava bem escrito, mas ela tinha a certeza de que o Mr. Kelmsley a que se referia era o seu pai, Horatio Kelmsleigh. A pessoa que queria encontrar-se com ele não sabia, seguramente, que ele tinha morrido.

Imagens do pai invadiram-lhe a mente. Sentiu o coração a apertar-se e os olhos a queimar como acontecia sempre que as memórias tomavam conta dela.

Viu-o a brincar com ela no jardim e a assumir as culpas quando a mãe ralhava por causa dos seus sapatos sujos. Evocou uma recordação distante, difusa, provavelmente a mais antiga que tinha dele. O papá trajava o uniforme do exército, por isso fora antes de vender a patente, aquando do nascimento da Sarah, e de assumir um cargo no Gabinete do Material de Guerra, que superintendia a produção de munições durante a guerra.

Em geral, porém, o que via era o rosto triste e perturbado dos últimos meses, em que se tornou objeto de tanto desprezo.

Arrumou o anúncio. Recordara-lhe o motivo da sua presença ali. Nada mais importava realmente, nem a chuva, nem os olhares, nem a antipatia. Com sorte, comprovar-se-ia que ela tinha razão em pensar que o Dominó possuía informação que teria ajudado o pai a recuperar o bom nome.

Despiu a capa azul e a peliça que trazia por baixo e pendurou-as em pregos para secar. Tirou a touca e sacudiu-a. Em seguida, colocou o único candeeiro do quarto em cima da mesa ao lado da porta e a cadeira na sombra, no canto oposto, atrás da lareira. Se se

sentasse ali, conseguiria ver imediatamente quem entrasse, mas a pessoa de imediato não a veria muito bem.

Pousou a mala em cima da cadeira e abriu-a. Veio-lhe ao espírito o resto da primeira lição de Daphne. *Uma mulher independente é uma mulher desprotegida, por isso tem de aprender a proteger-se.*

Então, enfiou a mão na mala e tirou a pistola que escondera por baixo das roupas.

Lord Sebastian Summerhays entregou a montada a um criadito encharcado. O rapaz pôs-se na longa fila que aguardava a atenção dos cavaleiros do Duas Espadas.

Sebastian entrou na sala comum da estalagem. Debaixo das vigas de madeira do teto, amontoava-se uma amostra da diversidade humana. A chuva obrigara os cavaleiros a refugiarem-se e as carruagens tinham sofrido atrasos. Mulheres e crianças ocupavam a maior parte das cadeiras e bancos enquanto os homens se dispunham à volta da sala, chegando-se à vez à lareira para se secarem.

Foi aí que Sebastian estacionou, deixando que os estragos do tempo lhe escorressem pela capa de montar. Sentia-se no ar o odor a lã húmida e corpos por lavar. Alguns criados esforçavam-se por reanimar chapéus de seda e toucas de tecido crepe, enquanto outros serviam comida cara e pouco apelativa. Sebastian dirigiu um olhar experiente ao mar de rostos, procurando algum que lhe parecesse suspeito, estrangeiro ou pelo menos tão curioso como ele.

O nome de código do anúncio deixava-o igualmente irritado e intrigado. Dificultar-lhe-ia a missão, mas também significava que havia segredos envolvidos. O próprio anúncio, dirigido a Kelmsley, indicava que quem o escrevera não sabia que o homem estava morto há quase um ano. O que sugeria, por sua vez, que o Dominó não era de Londres, nem sequer de Inglaterra, talvez. O facto de o nome não estar corretamente escrito fazia-o pensar que o Dominó não seria um bom amigo nem um colega próximo de Horatio Kelmsleigh. Com sorte, ele nem sequer saberia como Kelmsleigh era.

O suicídio de Kelmsleigh fora lamentável em muitos aspetos, um dos quais o facto de fornecer uma explicação fácil de mais para um mistério que, Sebastian estava convencido, possuía muitas mais facetas. Naquela noite tinha esperança de descobrir se estava certo.

– Então, Summerhays? Não contava ver-te por aqui, neste refúgio desconsolado.

A saudação, tão próxima do seu ouvido, arrancou-o à inspeção da sala. Grayson, conde de Hawkeswell, estava ao seu lado, radiante, com um copo de vinho quente quase vazio. Um sorriso deliciado iluminava-lhe o rosto de olhos azuis e a cabeleira preta de corte exímio.

– Apanhou-me uma carga de água há uns oito quilómetros – explicou Sebastian. Hawkeswell era um velho amigo, um grande companheiro dos dias de farra. Normalmente Sebastian ficaria encantado por poder contar com a sua companhia para passar uma noite que prometia ser miserável. Mas o motivo que o levava lá tornava inconveniente o seu encontro com Hawkeswell.

– Estás a caminho de Londres ou de regresso?

– Estou de regresso. Fui encontrar-me com um agente imobiliário em Brighton esta manhã.

– Puseste a propriedade à venda, então?

– Não tenho escolha.

Sebastian manifestou o seu pesar. As finanças de Hawkeswell iam mal desde que herdara o título, e já se desfizera da maior parte das propriedades de alienação consentida. A tentativa de retificar o problema através do casamento correra lamentavelmente mal, pois a abastada noiva desaparecera no dia do casamento.

Hawkeswell apreciou o entorno. – Sem bagagem? Espero bem que não a tenhas deixado no cavalo. Alguma coisa de valor, amanhã de manhã já lá não está.

Sebastian reagiu com uma gargalhada moderada e desprendida. Não tinha bagagem porque planeava regressar a cavalo naquela mesma noite, apesar do mau tempo e da escuridão.

– Tens um quarto lá em cima? Tens lá a bagagem? Pedi que me arranjassem um mas o estalajadeiro já os tinha alugado todos, diz ele. Nem sequer o título me serviu de alguma coisa. Mas se tiveres quarto podemos fumar e beber lá e escapar a este fedor.

– Não tenho quarto nenhum, lamento.

As sobranceiras de Hawkeswell arquearam-se sobre os olhos astutos. – Não estás aqui de todo para te abrigar, pois não? Nem estás a caminho de Brighton, aposto. Estás aqui para te encontrares com uma mulher. Não, não digas nada. Eu compreendo a necessidade desses esquemas elaborados nos dias que correm. És quase um marquês agora, não é assim? Levantar saias já não é onde nem sempre que apetece. – Colou o dedo aos lábios, troçando da necessidade de discrição.

Era uma explicação tão boa como qualquer outra, por isso Sebastian não a contestou. Sempre convival e atento, terminou de inspecionar a profusão de rostos. Não havia nenhum que se destacasse como possível Dominó.

Com toda a probabilidade, Hawkeswell não arredaria pé a noite toda. Sentindo necessidade de se livrar dele, Sebastian decidiu utilizar a teoria que o próprio avançara.

– Com a tua licença, por favor. Preciso de falar com o estalajadeiro a propósito da pessoa com quem vim encontrar-me.

Conseguiu libertar-se. Encontrou o estalajadeiro, que servia cerveja a um sujeito de chapéu castanho enterrado na cabeça.

– Esteve aqui alguém a perguntar por Mr. Kelmsley ou que falasse no nome dele?

O estalajadeiro olhou para ele e depois concentrou-se em receber o dinheiro do freguês. – Em cima, ao fundo, última porta. Está lá o hóspede que procuras, não me perguntes porquê.

Sebastian dirigiu-se para as escadas. Quem lhe dera que Hawkeswell estivesse certo. Aguardar que o tempo melhorasse deitado numa cama de penas, seco e confortável, com o calor de um corpo feminino nos braços, seria uma agradável recompensa pela miserável viagem até àquele sítio e àquele que o esperava no fim da missão.

Em vez disso, encontrava-se preso ao dever e à obrigação, e a uma longa conversa com alguém que dava pelo nome de Dominó.

Audrianna encolhia-se debaixo do xaile, nas sombras. O fogo débil não conseguia anular o frio húmido do quarto. Aquela não era, no entanto, a única razão pela qual tremia.

A vigília enfraquecia-lhe a determinação que ganhara ao ler novamente o anúncio. Começara a ver o seu plano de uma perspectiva diferente, a da vida que tivera até àqueles últimos sete meses.

Desse ponto de vista, o seu comportamento daquele dia era completamente louco e de uma imprudência sem justificação.

Teriam sido as palavras da mãe, de certeza. O pai teria concordado. Roger também teria ficado chocado, se soubesse. As jovens de respeito não apanhavam sozinhas carruagens públicas para se dirigirem a estalagens vulgares e ficarem à espera de desconhecidos em quartos escuros.

A expedição começava a parecer-lhe um sonho bizarro. Obrigou-se a controlar os nervos e exigiu que a sua mente recuperasse alguma determinação.

Estava ali porque mais ninguém estaria. O mundo havia enterado o bom nome do seu pai juntamente com o seu corpo. A sua morte fora prova suficiente de que era culpado das acusações que se levantaram. Todos presumiram que tinha sido o remorso, e não uma melancolia profunda, que o tinha levado a matar-se.

A família inteira ainda estava marcada pela vergonha. A mãe chorava a perda dos amigos sem deixar de defender a sua memória com valentia. Até o tio Rupert deixara de escrever quando o escândalo rebentara, na tentativa de se livrar de máculas por associação. E Roger, bem, o seu amor eterno também não bastou para vencer o escândalo.

Audrianna tentava conservar uma aparência de indiferença a esse respeito, mas ao lembrar-se de Roger sentia uma mágoa profunda no coração. Acabaria por deixar de ser assim, acreditava. Pelo

menos tinha a pequena consolação de saber que não voltaria a desiludir-se tanto com alguém. Com aquela partida que o destino lhe pregara, homem nenhum voltaria a pedi-la em casamento.

Dissera à mãe que ia viver com a prima Daphne para aliviar a sobrecarga financeira provocada pela morte do pai, pois a família vira o seu rendimento reduzido às magras poupanças da mãe. Na verdade, quisera escapar a uma vida prisioneira da tristeza e construir uma vida nova na qual encontrasse um contentamento adequado às suas atuais expectativas.

A multidão do andar de baixo produzia um barulho suave que lhe chegava aos ouvidos. Ali no segundo andar nada se ouvia, a não ser uma porta ou outra a fechar. O silêncio deixava-a mais desconfortável. Havia mais viajantes nos outros quartos, porém. Se o tal «Dominó» tentasse alguma coisa inconveniente e ela gritasse, confiava que a ajuda chegaria rapidamente.

Puxou o xaile mais para cima, espantando mais um calafrio. Protegida pelo calor da lã, apertou na mão a pistola de Daphne. Levara-a para lhe dar coragem, e para que ela não a repreendesse depois por andar desprotegida.

Infelizmente, sentir-lhe o peso apenas lhe provocou mais um calafrio.

Sebastian carregou no trinco. Para sua surpresa, cedeu. Empurrou a porta do quarto.

Logo à entrada, foi recebido pelo clarão de um candeeiro. A luz intensa transformava o resto do compartimento num mar de escuridão. Avançou para escapar à iluminação agreste. Os seus olhos foram-se adaptando lentamente.

Um lume baixo na lareira criava o seu próprio contraste de claros-escuros. Contudo, à semelhança dos quadros que exploravam um efeito semelhante, demorando nela o olhar, a escuridão começava a povoar-se de formas e volumes.

Surgiu a cabeceira da cama de dossel, voltada para a lareira, que assim se uniu aos pés, banhados pelas chamas. Pregos mostraram-se na parede ao lado da porta, segurando tecidos. Os cantos do quarto revelaram finalmente o seu conteúdo. Uma secretária. O vulto pesado de um roupeiro.

Uns contornos ténues a outro canto ganharam forma, para lá da luz da lareira. Compuseram algo que reconheceu. Uma mulher.

A sua presença fê-lo deter-se. Presumira que o Dominó era um homem. Um erro desculpável, afinal, mas era uma opinião infundada.

A descoberta de que o Dominó era apenas uma mulher animou-o imediatamente. Ficaria rapidamente a saber aquilo de que precisava e a reunião não lhe tomaria tempo.

Abriu um sorriso que cativara muitas mulheres no seu tempo. Dirigiu-se para a lareira.

– Por favor fique aí – disse ela. – Devo insistir.

Deveras? Fê-lo sorrir ainda mais. Ela tinha uma voz jovem. Sem ser imatura, porém. Com mais atenção, conseguiu distinguir melhor a aparência dela.

Cabelo escuro. Talvez aquela cor interessante em que o ruivo invade o castanho, como a tonalidade do cavalo alazão. Difícil avaliar a idade, mas pareceu-lhe que vinte e tal. O rosto parecia bonito, mas àquela luz a maioria das mulheres seria atraente. Um xaile escuro cobria-lhe o colo e o peito. O vestido parecia ser cinzento ou alfazema e era bastante simples, pelo que via.

– Ia apenas aquecer-me à lareira – esclareceu ele. – A viagem deixou-me encharcado.

A cabeça dela inclinou-se para trás ao ponderar a explicação dele. – A lareira, seja. Mais perto não.

Ele tirou a capa. Ela ficou visivelmente assustada.

– Para a pendurar a secar, se não se importar – explicou ele. Ela assentiu com a cabeça.

Pendurou-a num dos pregos. Habitado agora à luz do quarto, conseguiu perceber que as outras roupas que lá estavam penduradas

eram uma capa e peliça de mulher. Aproximou-se do fogo e fingiu concentrar-se no calor que emanava, mas observava-a pelo canto do olho.

Sorriu novamente para ela quando se virou de costas para o lume. Ela remexeu-se por baixo do xaile.

– Devo avisá-lo de que tenho uma pistola. – A voz dela tremia de ansiedade.

– Fique descansada que não irá precisar dela.

Ela não pareceu convencida. Olhos verdes, pensou ele. Mostravam determinação e algum medo. O último era bom sinal. Indicava que ela não era estúpida, e um bocado de medo teria utilidade.

– Esperava um homem – retomou ele.

– Mr. Kelmsleigh não estava disponível, por isso vim em vez dele. Presumo que pretenda ser recompensado pelas informações que tem e estou preparada para pagar se a soma for razoável.

Ele disfarçou a reação de surpresa. Ela pensava que *ele* era o Dominó. O que significava que ela não o era, obviamente.

Nunca acreditara que a má pólvora que chegara à frente de batalha se tratasse de mera negligência da parte de Kelmsleigh, embora uma negligência dessas fosse grave ao ponto de acabar com um homem. Suspeitava sim de conspiração e fraude, e duvidava que Kelmsleigh tivesse concebido e controlado o esquema. Não obstante, nunca esperara que houvesse mulheres envolvidas. Agora esta cúmplice indicava que havia pelo menos uma.

Só que, quem era ela? A identidade dela podia fornecer uma ligação com as outras pessoas envolvidas no esquema.

Ela observava-o cautelosamente. Agora conseguia ver melhor o medo dela. Não era o que ele esperava, mas supôs que também ele constituía uma surpresa para ela.

Ele fora lá para se passar por Kelmsleigh. Afinal, mais alguém lera o anúncio e também viera comprar informação.

Mudou de planos. Já não podia ser Kelmsleigh. Mas podia ser o Dominó.

CAPÍTULO 2

Oh, meu Deus! Oh, Céus!
Decididamente, o dia não estava a desenrolar-se da forma que ela tinha imaginado.

Não estava à espera de que o Dominó fosse um cavalheiro. Não esperava certamente um homem alto e atraente com um sorriso tão arrebatador.

Não tinha a certeza do que tinha imaginado. Só sabia que não tinha sido aquilo.

Ele não parecia nada perturbado pela sua presença, em lugar do seu pai, nem pela declaração de que tinha uma pistola. Continuou com uma atitude amável enquanto se aquecia à lareira. Não parava de fazer aqueles sorrisos breves, deslumbrantes, de quem quer tranquilizar.

E que não a deixavam nada tranquila. Pelo contrário, pareciam-lhe muito perigosos.

Talvez fosse porque a luminosidade do fogo o transformava num conjunto de ângulos fechados, ou por os seus olhos parecerem muito mais intensos e alerta do que a sua postura daria a supor.

Podia dever-se à riqueza que denotava, no corte e no tecido da capa de montar cinzento-escura que tirara, e na qualidade das botas altas e da confortável pele de gamo que lhe revestiam as pernas.

Até o cabelo escuro era de rico, com aquele corte esvoaçante, curto e solto, que em vez de desfear melhorava com a humidade e o vento.

Mas a aparência dele ainda era o menos. Era impossível ignorar a alteração que a chegada dele provocara na atmosfera do quarto, como se emanasse raios de poder minúsculos e invisíveis.

– Meu senhor, parece-me que devemos avançar com o propósito da reunião.

– Com este tempo, não há pressa. Nem você nem eu vamos a lado nenhum tão cedo.

Ela desejou não lhe ter permitido aproximar-se tanto. Ele não estava nem a dois metros de distância e era imponente, muito mais alto do que ela. Ela não conseguia ignorar o seu tamanho nem o quanto ele a fazia sentir-se pequena e vulnerável, e em maior desvantagem do que era justo.

– Ainda assim, gostaria de tratar do assunto rapidamente.

Começou a formar-se um daqueles sorrisos, mas um peculiar, que refletiu algum pensamento que lhe passou pela cabeça. – Quem é a senhora? – perguntou ele.

– Isso é importante?

– Pode ser muito importante. Tanto quanto sei, pensava que eu queria encontrar-me com um Kelmsleigh diferente, e sairá daqui com factos que não deveria possuir. Pode ser danoso para um homem inocente e incauto.

– Eu diria que isso é improvável. – A voz soou-lhe aguda ao seus próprios ouvidos. Ele falava como se a informação que tinha não fossem boas notícias. – Contudo, se receia fazer revelações a quem não tem a ver com o assunto, identificarei o Kelmsleigh em que estou interessada. Era funcionário do Gabinete do Material de Guerra. A minha esperança é que a vossa informação esteja relacionada com esse cargo.

Desta feita, o sorriso dele mostrou-se menos amigável. Um tanto predatório, para dizer a verdade. Podia ser da luz crua, claro, mas... Para sua consternação, ele avançou para ela olhando fixamente o seu rosto.

– Insisto que fique onde está. – Detestou que a exigência lhe tivesse saído em tom de lamúria.

Ele continuou a aproximar-se.

Ela pôs-se em pé de um salto. O xaile caiu ao chão. Não apontou a pistola mas segurou-a com força. – Não se aproxime mais. Eu sei como isto se dispara.

Ele parou à distância de um braço. Perto o bastante para ela ver que os seu olhos estavam sombrios. Muito sombrios. Tão perto que, se ela disparasse, não havia como falhar. Ele ignorou a pistola, preferindo estudar o rosto dela.

– Quem é você? – voltou a perguntar.

– Você dá pelo nome descabido de «Dominó» e exige que eu revele o meu? A minha identidade não é mais importante do que a sua.

– Que papel tem nisto? É cúmplice? Amante de alguém? Parente de algum dos soldados que morreram, talvez? Eu não desejaria que este encontro desencadeasse uma vendeta.

Pouco faltava para os olhos dele a atravessarem, e o seu escrutínio perturbava-a de forma curiosa. Pese embora todas as suas suspeitas, ele não deixava aquele sorriso vago, cativante, que oferecia... amizade e... excitação e... coisas nas quais não deveria sequer pensar naquele momento. Ele tinha o tipo de rosto que deixava as mulheres parvas, e incomodava-a estar a revelar-se mais suscetível do que a situação alguma vez deveria permitir.

Levantou um tudo-nada a pistola, apontando-a em frente ao nível da anca, em vez de para baixo. Ele olhou para a arma, mas depois o seu olhar tornou ao rosto dela. Só que agora ele tinha a expressão de um homem que fora desafiado, mas que sabia seria ele o ganhador.

– Que informação tem? – insistiu ela.

– Quanto dinheiro tem?

– Suficiente.

– Quanto é para si, suficiente?

– Não sou estúpida ao ponto de me pôr a avançar valores. Diga o seu preço.